



## **PIBID NA EDUCAÇÃO INFANTIL – CONVIVENDO, EXPERIMENTANDO E APRENDENDO COM OS PEQUENOS**

Rojane de Souza Brasil Oliveira <sup>1</sup>

Antônio Marcos Murta <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente relato traz cinco experiências vivenciadas na Creche Municipal Geraldo José Vieira, na cidade de Ouro Branco, MG, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – subprojeto Alfabetização. Como recém-chegadas à uma sociedade grafocêntrica, as crianças apresentam natural curiosidade pelo funcionamento da língua escrita, por suas funções e sistemas de representação. A alfabetização na Educação Infantil envolve proporcionar situações que ampliem o contato e o interesse das crianças pela apropriação do processo de leitura e escrita, cuja consolidação posterior será fundamental para a construção de sua identidade e cidadania. Nesse sentido, cabe ao professor criar ambientes que promovam múltiplas experimentações e a construção de sentidos individuais e coletivos, selecionando, refletindo e planejando as práticas pedagógicas. As atividades aqui descritas foram realizadas com crianças de 3 anos, utilizando os cinco campos de experiências conforme descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um instrumento norteador do planejamento, reflexão e narração do cotidiano pedagógico e das aprendizagens das crianças, como indicado por Fochi (2020). Os resultados obtidos indicam que tal orientação contribui para uma prática educativa que respeita e valoriza a criança em sua individualidade e potência, proporcionando ricas experiências de aprendizado, tanto para os alunos quanto para a professora. Para as crianças, a oportunidade de explorar o ambiente, expressar-se com liberdade, desenvolver o domínio de seu corpo e conhecer a si e ao outro, adquirindo habilidades essenciais ao extenso e complexo processo de alfabetização. Para a professora, a possibilidade de praticar uma escuta ativa e atenta, de conhecer e compreender os anseios e necessidades das crianças, procurando desenvolver uma prática docente que preze pela horizontalidade das relações e pelo respeito à infância, e ofereça a elas múltiplas possibilidades de desenvolver-se.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, PIBID, Campos de Experiências, Alfabetização.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco - MG, [drarojane@hotmail.com](mailto:drarojane@hotmail.com) ;

<sup>2</sup>Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco – MG, [marcos.murta@ifmg.edu.br](mailto:marcos.murta@ifmg.edu.br)





## INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente relato traz cinco experiências vivenciadas na Creche Municipal Geraldo José Vieira, na cidade Ouro Branco, MG, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – subprojeto Alfabetização, com crianças de 3 anos. De acordo com Baptista (2022), existe certo consenso entre os pesquisadores de que “a pré-escola não é uma Escola de Ensino Fundamental adaptada para crianças menores”. Então, por que falar de alfabetização na Educação Infantil? Segundo a autora, como recém-chegadas à uma sociedade grafocêntrica, as crianças apresentam natural curiosidade pelo funcionamento da língua escrita, por suas funções e sistemas de representação. O processo de alfabetização, entendido como um caminho extenso e complexo, inicia-se bem antes da escolarização. A alfabetização na Educação Infantil envolve proporcionar situações que ampliem o contato e o interesse das crianças pela apropriação do processo de leitura e escrita, cuja consolidação posterior será fundamental para a construção de sua identidade e cidadania (Santos, 2025). Nesse sentido, cabe ao professor criar ambientes que promovam múltiplas experimentações e a construção de sentidos individuais e coletivos, selecionando, refletindo e planejando práticas pedagógicas que privilegiem a participação ativa de seus pequenos alunos.

Quanto às práticas pedagógicas, na perspectiva de Fochi (2020), ainda prevalecem crenças que subestimam as capacidades das crianças, restringindo sua participação nas decisões do cotidiano e, por vezes, concebendo-as como seres desprovidos de experiências, história ou identidade. Observa-se, assim, um afastamento do reconhecimento da competência infantil, tanto nas práticas que antecipam processos de escolarização e conteúdos formais, quanto naquelas que adotam uma visão ingênua de autossuficiência da criança.

É preciso, portanto, compreender que alfabetizar as crianças na Educação Infantil não significa priorizar tarefas mecânicas, tais como memorização ou treinamento de grafia de letras e símbolos. Espera-se, outrossim, que o educador desenvolva um trabalho “que seja capaz de apoiá-las no seu processo de apropriação de uma prática cultural, que, como tal, requer habilidades simbólicas, repletas de significados para os sujeitos que dela participam” (BAPTISTA, 2022, p.19)



Partindo da premissa de que, na Educação Infantil, o desenvolvimento de habilidades se baseia principalmente nas interações e nas brincadeiras — garantindo às crianças os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se —, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) organiza a Educação Infantil em cinco campos de experiências. Segundo o documento,

“ os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.”  
(BRASIL, 2017)

Os campos de experiências indicam as vivências indispensáveis para o aprendizado e desenvolvimento das crianças de zero a cinco anos e onze meses: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

A BNCC afirma que cabe ao educador a seleção, reflexão, organização, planejamento, mediação e monitoramento das práticas pedagógicas que assegurem uma variedade de experiências favoráveis ao desenvolvimento integral na infância (BRASIL, 2017). Assim sendo, Fochi (2020) advoga que os campos de experiências se constituem principalmente em “um campo semântico que auxilia o professor a planejar, refletir, retroalimentar, interpretar e narrar o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças”. Ainda segundo o autor:

“A pedagogia dos campos de experiências é relacional, ou seja, o conhecimento é produzido na interação da criança com o mundo, dos adultos com as crianças, das crianças com outras crianças. É uma pedagogia que reivindica estar aberto à complexidade que é conhecer e se conhecer. (FOCHI, 2020, p.66)

As atividades descritas a seguir exemplificam um trabalho pedagógico realizado a partir dessa perspectiva. Como critério para seleção, optou-se por relatar no presente texto momentos significativos da prática da autora, como bolsista do PIBID, em cada um dos campos de experiências descritos pela BNCC, durante o período de fevereiro a abril/2025. Cabe, porém, ressaltar o entendimento de que tais campos não podem ser “vistos isolados, mas em contínua interação circular entre eles” (FOCHI, 2020). Tal apresentação tem apenas a finalidade de facilitar a organização do relato, de maneira a exemplificar o uso dos campos como princípio norteador do planejamento, reflexão e narração das práticas pedagógicas



sem, contudo, delimitar ou restringir seu escopo aos campos mencionados.

## METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passamos aqui a descrever as atividades desenvolvidas em cada campo de experiências, detalhando a metodologia e, em sequência, os resultados e reflexões a respeito de cada prática pedagógica.

### A – “O eu, o outro e o nós” – Atividade: “Caixa surpresa”

De acordo com a BNCC, um dos objetivos de aprendizagem a trabalhar nesse campo é: “demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.” (BRASIL, 2017) A “caixa surpresa” foi planejada para oportunizar momentos que contribuíssem para o desenvolvimento de relações interpessoais gentis e respeitosas entre as crianças e entre elas e os adultos com os quais convivem. Trata-se de uma caixa cúbica, decorada com imagens de crianças, com uma abertura na parte superior, contendo seis cartões com as seguintes expressões (escritas e ilustradas): abraço, aperto de mão, sorriso, palavra boa, toquinho e carinho. (figura 1)

Figura 1- Cartões da “caixa-surpresa”



Fonte: Aplicativo Canva (arquivo confeccionado pela autora, 2025)

A presença da caixa misteriosa despertou a curiosidade das crianças, contribuindo para que todas voltassem sua atenção para a atividade. Iniciou-se a vivência dizendo às crianças que havia um presente para cada um escondido dentro da caixa e cantando: “O que será que



tem dentro dessa caixa?/ O que será, preste muita atenção!/ Pra descobrir o que tem dentro da caixa/ eu vou colocar a minha mão! Mexe, mexe, mexe...” A bolsista então colocou a mão na

caixa e de lá retirou um dos cartões, oferecendo o “presente” a uma das crianças. Esta, então, foi convidada a repetir o processo, tirando um novo cartão e escolhendo um colega para ofertar seu “presente”, e assim sucessivamente. Inicialmente, alguns se mostraram mais reticentes, mas ao longo da atividade todos quiseram participar, tanto dando como recebendo o afeto dos colegas. Uma das crianças afirmou que iria pedir à sua mãe para comprar uma caixa daquelas (seria uma expressão de que o afeto tem faltado em seu cotidiano?). A atividade foi repetida várias vezes durante esse período, e foi possível acompanhar a interação carinhosa entre as crianças, com poucas necessidades de intervenção. Uma vez que reconhecer e relacionar-se com o outro de maneira respeitosa e gentil é um desafio até mesmo para muitos adultos, é importante criar oportunidades e oferecer ferramentas para dar e receber afeto. Nesse sentido, a atividade logrou êxito em experimentar junto com as crianças o valor de demonstrar e receber carinho, agindo com gentileza. Cabe notar que a também a capacidade de expressar-se oral e corporalmente foi exercitada durante a atividade, numa intercessão com outros campos de experiências.

### **B - “Corpo, gestos e movimentos” – Atividade: “Palhaço comilão”**

A atividade “o palhaço comilão” foi preparada a partir da temática do “dia do circo”. Cabe aqui notar que o planejamento pedagógico da Educação Infantil ainda permanece bastante atrelado ao vai-e-vem das datas comemorativas, o que, por vezes, compromete a continuidade e a construção de significados profundos por parte das crianças. Como observa Maia (2017):

A presença de datas comemorativas no currículo da Educação Infantil é (...) observada como empobrecedora do trânsito do conhecimento na escola. (...) O currículo assim norteado, embora pareça atento à cultura e à história que compõe a sociedade, não se constitui no encontro e reconhecimento de diferentes culturas que constituem o tecido social. (MAIA, 2017, p.14)

Contudo, mesmo em realidades onde a pedagogia tradicional insiste em um planejamento simplista, é necessário e possível planejar com intencionalidade, aproveitando as oportunidades de enriquecer as experiências escolares. Assim, norteando-se pelo campo “corpo, gestos e movimentos”, o qual indica que “a instituição escolar precisa promover





oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos (...)” (BRASIL, 2017), a atividade consistiu em convidar as crianças para “alimentar” e brincar

com um palhaço confeccionado em papelão e papel crepom. (fotografia 1)

**Fotografia 1 – Crianças participando da atividade “Palhaço Comilão”**



Fonte: Rojane Brasil (2025)

Divididos em dois grupos, as crianças carregaram feijão cru em uma colher até a grande boca do palhaço, adotando diferentes estratégias diferentes para evitar que os feijões caíssem. Depois, sentados lado a lado, os alunos levaram “bolas de sorvete” (bolas plásticas coloridas) de copinho em copinho até o palhaço. As crianças foram estimuladas a fazer esse transporte de forma rápida e sem colocar a mão na bolinha, já que o “sorvete” poderia derreter. Então, lançou-se o último desafio, que consistia em acertar, à distância, as bolinhas na boca do palhaço. Algumas crianças se frustraram com o insucesso na tarefa, aproximando-se para colocar as bolas diretamente na abertura. Esse foi um bom momento para explicar que o importante não é acertar, mas continuar tentando, apesar da dificuldade. Todos deram boas risadas com a brincadeira, que além da capacidade psicomotora, estimulou a imaginação, a autoconfiança e o trabalho em equipe, mostrando novamente que as atividades raramente estão circunscritas a um só campo de experiências, como observa Fochi (2020).

#### **C- “Traços, sons, cores e formas” – Atividade: “Pandeiro colorido”**





Aproveitando a proximidade dos festejos de carnaval, optou-se por produzir com as crianças um pandeiro a partir da pintura e colagem em caixas pequenas de pizza. O tema foi introduzido com a canção *Pandeirar* (Shauan Bencks). A atividade foi realizada em três etapas:

1ª etapa: Apresentação da canção e pintura das caixas com tinta guache – a professora da turma trouxe um pandeiro real para acompanharmos a canção. Em pouco tempo as crianças aprenderam a cantar e repetir com palmas as batidas do pandeiro, que variavam durante a música. Usando pincel e tintas guaches variadas, elas puderam escolher e misturar as cores, de acordo com sua preferência.

2ª etapa: Colagem de adesivos circulares e papel crepom - após a secagem das caixas, usamos adesivos circulares coloridos e papel crepom para enfeitar os pandeiros. As crianças ficaram um bom tempo concentradas nessa colagem, com resultados os mais diversos. Algumas queriam espalhar adesivos por toda a caixa, outras colavam uns perto dos outros. Alguns escolheram apenas uma cor, outros queriam variar. No momento da colagem do papel crepom, um dos meninos não quis recortar a tira comprida e justificou-se, dizendo: “essa é a rabiola da minha pipa”. Aqui, percebe-se a presença da produção de sentido a partir da própria vivência, que emerge de um espaço que privilegia a ludicidade e a continuidade, conforme apontado por Fochi (2020).

3ª etapa: Montagem das “platinelas” – Com arames (usados para fechar embalagens) e tampinhas de garrafas pet perfuradas previamente, as crianças produziram suas platinelas. Mais que o resultado final, a atividade de colocar, tirar e recolocar as tampinhas ocupou um bom tempo daquela tarde. Na semana seguinte, as crianças puderam se divertir com seus pandeiros personalizados durante a festa de carnaval, desfrutando e valorizando aquilo que elas mesmas produziram. Observa-se, portanto que as crianças “são capazes de experiências ricas de significados, que podem ser expressas por inúmeras formas de linguagens, mas que só podem se tornar visíveis num ambiente propício, onde as experiências possam ser potencializadas.” (FOCHI;REDIN, 2014, p.59). (fotografia 2)

Fotografia 2 – Pintura, colagem dos adesivos e montagem das “platinelas”





Fonte: Rojane Brasil (2025)

#### **D - “Escuta, fala, pensamento e imaginação” – Atividade: “O sapo sabido”**

Para a experiência nesse campo, planejou-se a contação de uma história curta, que pudesse ser facilmente reproduzida pelos alunos, atendendo ao que indica a BNCC: “é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral.” (BRASIL, 2017). Usando um recurso simples produzido com papel e palito de madeira, as crianças foram apresentadas ao “sapo sabido” (história adaptada pela autora a partir de textos semelhantes disponíveis na internet), que se escondia perto da lagoa e assustava quem passava por lá, saindo e entrando de um buraco. A história, contada em roda com as crianças, gerou muitos relatos de sapos que pulavam e se escondiam, de mães que gritavam de susto e de outras que espantavam o sapo com a vassoura, de pais “heróis” que batiam no sapo e assim por diante.

Todos se divertiram ouvindo e contando histórias de sapos e outros animais que davam sustos nas pessoas, como lagartixas e aranhas. Após a contação, as crianças coloriram e montaram seus sapinhos e cada criança recontou a história, dando “sustos” nos colegas e na bolsista, ajudando a desenvolver, além da memória e da linguagem, os conceitos de “entrar e sair” e “dentro e fora”, numa intercessão com o campo “espaços, tempos, relações e transformações”. Para completar a aprendizagem divertida, usamos a canção *Dentro e Fora* (DóRéBrinká), dessa vez contemplando também o campo “corpo, gestos e movimentos” (fotografia 3). As crianças se engajaram bastante na experiência, indo ao encontro da afirmação de Colla (2019) de que as atividades (e aprendizagens) significativas para a criança são aquelas que despertam sua curiosidade, produzem alegria e convocam ao universo do brincar.

**Fotografia 3 – Crianças participando da “dança do dentro e fora” e colorindo o “sapo sabido”**







Fonte: Rojane Brasil (2025)

### E - “ Espaços, tempos, relações e transformações” – Atividade: “A lagarta Catarina”

Embora este campo esteja prioritariamente ligado à aprendizagem de conceitos matemáticos, a atividade foi introduzida através da contação da história “A lagarta Catarina”, desenvolvida pela autora deste relato especialmente para o momento. Segundo Santos (2025), “é por meio dos gêneros textuais que as áreas de conhecimento se encontram em franco diálogo”. Assim, desenvolveu-se um texto em forma de poesia, em que a pequena lagarta, indecisa sobre qual cor usar para passear, vai trocando sua “roupa” até decidir-se, com a ajuda da mãe, pelo uso de todas as cores ao mesmo tempo. (fotografia 4)

Fotografia 4 – Contação da história e atividade de classificação e sequenciação



Fonte: Rojane Brasil (2025)

Enquanto a história era contada, as crianças foram convidadas a “trocar a roupa” da lagarta, que foi confeccionada com caixas de ovos, contendo quatro nichos para que as crianças colocassem as bolinhas de feltro de acordo com a cor narrada, usando pinças confeccionadas com pregador de roupas e palitos de madeira. A atividade aconteceu logo no





início do período letivo, e muitas crianças ainda estavam pouco adaptadas ao ambiente e também à presença da bolsista na sala. Assim, optou-se por deixar que elas explorassem mais livremente a textura das bolinhas, a pega da pinça, sem a preocupação imediata com a identificação e classificação das cores, que exige maior concentração e engajamento, pouco presentes nesse momento. Então, uma semana depois, a atividade foi novamente, e as crianças se mostraram muito mais interessadas, mostrando a importância de observá-las e respeitá-las em seus interesses, anseios e limitações. Após a história, foram distribuídas fichas coloridas, com sequências diferentes de cores, para que as crianças reproduzissem a sequência em suas “lagartas”.

A atividade foi bastante prazerosa para a turma, embora nem todos tenham conseguido realizar a classificação e a sequenciação das cores. Contudo, ao lidar com experiências na Educação Infantil é preciso ter em mente que o investimento prioritário deve concentrar-se na criação de contextos que potencializem as diversas trajetórias de aprendizagem, em lugar de direcionar-se apenas ao ensino, como observam Carvalho e Fochi (2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Fochi (2020) , ao reconhecer que as crianças possuem um impulso interno para aprender e que a curiosidade atua como força propulsora de suas explorações, compreende-se que a organização curricular da Educação Infantil por campos de experiência requer do adulto uma observação atenta às direções tomadas pelas ações infantis. A partir dessa escuta e observação sensível, torna-se possível criar condições que favoreçam a formulação e o teste de “teorias provisórias” elaboradas pelas próprias crianças.

Nesse sentido, o grande exercício de uma pedagogia que valoriza as crianças está em ouvi-las e observá-las atentamente, buscando desenvolver atividades que despertem seu interesse, estimulem sua imaginação e promovam experiências plenas de significado. É preciso conhecer as crianças, importar-se com elas, estimulá-las, encorajá-las.

Os resultados observados durante as vivências aqui descritas indicam que orientar o planejamento através dos campos de experiência contribui para uma prática educativa que respeita e valoriza a criança em sua individualidade e potência, proporcionando ricas experiências de aprendizado, tanto para os alunos quanto para a professora. Para as crianças,





a oportunidade de explorar o ambiente, expressar-se com liberdade, desenvolver o domínio de seu corpo e conhecer o mundo, a si e ao outro, adquirindo habilidades essenciais ao extenso e complexo processo de alfabetização. Para a professora, a possibilidade de praticar uma escuta ativa e atenta, de conhecer e compreender os anseios e necessidades das crianças, procurando desenvolver uma prática docente que preze pela horizontalidade das relações e pelo respeito à infância, e ofereça a elas múltiplas possibilidades de desenvolver-se.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES, aos professores do curso de Licenciatura do IFMG campus Ouro Branco, à equipe da Creche Municipal Geraldo José Vieira (ASFA), em especial

às professora Flaviana, regente da turma e Evelyn, supervisora do PIBID, por nos proporcionar um feliz início nessa jornada tão importante e promissora para nossa formação docente. Aos alunos do Maternal C, pequenos companheiros de grandes aventuras, todo nosso carinho.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. C. As crianças e o processo de apropriação da linguagem escrita: consensos e dissensos nos campos da alfabetização e da educação infantil. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 16, p. 15–32, 24 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2025.

COLLA, R. A. O brincar e o cuidado nos espaços da educação infantil: desenvolvendo os animais que somos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 100, n. 254, 17 abr. 2019.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. *Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez. 2017.

FOCHI, P. S. Criança, currículo e campos de experiência: notas reflexivas. *Conjectura filosofia e educação*, v. 25, n. dossie, p. 52–72, 30 dez. 2020.

FOCHI, P.; REDIN, M. Explorar e interagir com o mundo: os materiais na educação infantil. In: FOCHI, P.; REDIN, M. (Eds.). *Infância e Educação Infantil II: Linguagens*. Porto Alegre: Unisinos, 2014. p.51-64





FOCHI, P. S. Criança, currículo e campos de experiência: notas reflexivas. *Conjectura filosofia e educação*, v. 25, n. dossiê, p. 52–72, 30 dez. 2020.

MAIA, M. G. V. N. *Datas comemorativas – uma construção ideológica que persiste na educação infantil*. Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT07\\_25.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT07_25.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2025.

SANTOS, D.A.T. A alfabetização como direito fundamental: a atuação docente em evidência. In: ELIEZER, Cristina Rezende et al. (orgs). *Direitos Fundamentais: abordagens multidisciplinares*. Santo Ângelo, RS: Metrics, 2025.

